

## El Rey: Diário de un Latin King<sup>1</sup>

Recensão

Paula Guerra<sup>2</sup>

Universidade do Porto, Instituto de Sociologia, Griffith Center for Social and Cultural Research, Portugal.

“A etapa primitiva da vida é aquela em que os guerreiros do Rei seguem o impulso. Executam as suas ações sem pensar seriamente nelas. Uma fase em que o Rei guerreiro passa o seu tempo em "guerras" com outros gangs, fumando maconha e tornando-se conhecido como grande e mau.” (Feixa & Andrade, 2020, p. 45, tradução nossa)

### Um começo para conhecer César Andrade

O livro aqui objeto de análise, *El Rey: Diário de un Latin King*, surge de uma promessa feita há 15 anos por Carles Feixa<sup>3</sup> a César Gustavo Andrade Arteaga<sup>4</sup> – também conhecido como King Manaba –, e cujo teor se cimentou na escrita conjunta de um livro centrado na história de vida de King Manaba. Esta circunstância metamorfoseou-o desde logo, num livro-diálogo, num livro cocriado e que se posiciona entre a ciência e a sociedade. E sobretudo espelha a trajetória de excelência académica, científica e cidadã de Carles Feixa, marcada pela fenomenologia intensa da Escola de Chicago. Se mais não pudéssemos dizer acerca deste livro, diríamos que é, no mínimo, um marco para os estudos urbanos, para a antropologia, para a sociologia e para os estudos culturais que têm nos

<sup>1</sup> Feixa, C. & Andrade, C. (2020). *El Rey: Diário de un Latin King*. Madrid: Ned Ediciones.

<sup>2</sup> [pguerra@letras.up.pt](mailto:pguerra@letras.up.pt)

<sup>3</sup> Carles Feixa-Pàmols (Lleida, 1962) é professor de antropologia social na Universidade de Pompeu Fabra (Barcelona). É doutorado pela Universidade de Barcelona e Doutor Honoris Causa pela Universidade de Manizales (Colômbia). Foi professor na Universidade de Lérida. Tem sido professor visitante em Roma, Cidade do México, Paris, Berkeley, Buenos Aires, Santiago do Chile, Newcastle e Lima. Especializou-se no estudo das culturas juvenis, conduzindo pesquisas na Catalunha e no México. É autor ou coautor de 50 livros, incluindo *De Jovens, Bandas y Tribus* [Jovens, Grupos e Tribos] (Barcelona, 1998, 5.ª ed. 2012), *Jovens na América Latina* [Jovens na América Latina] (São Paulo, 2004), *Global Youth?* (Londres & Nova Iorque, Routledge, 2006), *De la Generación@ a la #Generación* [Da @Geração à #Geração] (Barcelona, Ned, 2014, 2.ª ed. 2018) e *Youth, Space and Time* [Jovens, Espaço e Tempo] (Boston & Leiden, Brill, 2016). Foi coeditor da revista YOUNG (Londres/Delhi) e membro do conselho editorial da *Nueva Antropología* (México), *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (Colômbia), *Mondi Migranti* (Itália), *Análise Social* (Portugal), entre outros. Foi consultor sobre políticas de juventude para as Nações Unidas e vice-presidente do Comité de Investigação "Sociologia da Juventude" da Associação Internacional de Sociologia. Em 2017 obteve dois dos mais altos reconhecimentos ao seu trabalho de investigação: o *Prémio Academia ICREA da Generalitat de Catalunya* e a *Advanced Grant do Conselho Europeu de Investigação*. Ver <https://www.upf.edu/web/transgang/entry/-/-/CARLES%20FEIXA/adscricion/carles-feixa>.

<sup>4 4</sup> César Andrade Arteaga (Pórtoviejo, Manabi-Ecuador 1976) é membro da ALKQN (Almighty Latin Kings & Queens Nation) desde 1994. Nessa altura, as atividades e projetos da Nação eram internos e não eram reconhecidos publicamente pelas autoridades. Em 2003, chegou a Madrid (Espanha) com o objetivo de trabalhar e ajudar a sua família. Entre 2005 e 2006, encontrou em Barcelona a oportunidade de constituir uma parte da ALKQN-Espanha numa organização juvenil legalmente constituída chamada "Organização Cultural de Reis e Rainhas da Catalunha". Desde então, participou em vários projetos juvenis do CIIMU (*Institut d'infanta i món urba*) juntamente com Carles Feixa, onde o processo de legalização da associação Neta e dos Reis Latinos também teve início. Participou no projeto sociocultural *Unidos por el Flow*, onde os Netas e os Reis Latinos se juntaram para pôr fim aos estereótipos, e para oferecerem oportunidades de trabalho para os jovens de rua que fazem trabalho de mediação de conflitos. Nessa altura, foi o videoclip *Unidos por el Flow* lançado. Tem trabalhado em vários projetos culturais da FEDELATINA, destacando-se o lançamento do primeiro CD musical: *The Royal Life Latin Kings in Primitive State* [A Vida Real dos Latin Kings no Estado Primitivo]. Participou também no projeto dirigido por Luca Queirolo *Buscando Respeto* [À procura de respeito], onde o filme com o mesmo nome foi produzido. Atualmente, participa como investigador no projeto TRANSGANG. Ver <https://www.upf.edu/web/transgang/entry/-/-/C%3%A9sar+Andrade+Arteaga/adscricion/c%3%A9sar-andrade>

jovens e suas (sub)culturas o seu cerne (Bennett & Guerra, 2018; Guerra et al., 2020; Feixa & Pais, 2020; Feixa & Oliart, 2012).

Com efeito, esta obra inscreve-se nos estudos sobre (sub)culturas e está ligada à tradição americana revelada nos estudos realizados pelos sociólogos da Escola de Chicago, nas décadas de 20 a 40 do século XX (Muggleton, 2000; Pais, 2020). As primeiras pesquisas sobre as subculturas juvenis relevam aspetos dos comportamentos desviantes da juventude organizada em *gangs*: “a reputação de Chicago nos anos 20 ligava-se à magnitude das taxas de criminalidade da cidade. (...) A partir do momento em que se tornou evidente que a maioria dos padrões de comportamento criminal se reporta aos dias da juventude, as investigações sobre delinquência juvenil adquiriram uma importância estratégica” (Coulon, 1995, p. 72). Dentro do modelo ecológico, o conceito de subcultura surge como um marcante elemento de aclaração dos comportamentos disruptivos dos jovens, uma vez que as subculturas são perfilhadas como “subsistemas relativamente distintos enquadrados num sistema social e cultural mais vasto” (Feixa, 1999, p. 36). E, claro, que vão muito para além da patologia (Gelder & Thorton, 1997; Brake, 1980; Guerra & Quintela, 2020).

**Figura 1. Carles Feixa e King Manaba em 2020**



Fonte: <https://carlesfeixa.com/es>

Os lugares das subculturas, dos *gangs*, são os lugares de segregação social: “Trasher constatou a existência de vários estratos urbanos concêntricos na cidade de Chicago: há um centro urbano, *The Loop*, onde se concentram o comércio, os escritórios e os bancos. Afastando-se do centro em direção à periferia, encontra-se uma série concêntrica de bairros onde moram as classes médias e, mais longe ainda, os das classes sociais abastadas, de implantação mais antiga. Entre o centro urbano e essas duas zonas, há outra que Trasher chama de intersticial, onde residem os imigrantes europeus, sobretudo polacos e italianos, assim como os chineses e os negros. É nesta zona, que não é intersticial apenas no plano da geografia urbana, mas também no plano social, que se concentra a violência e se encontram os *gangs*.” (Coulon, 1995, p. 62). Os *gangs* sobrevivem da afirmação da cidade como um

núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos (Wirth, 1997, p. 4). Quanto maior é o número de indivíduos em interação, maior será a diferença entre eles; portanto, as diferenças pessoais, ocupacionais, só para exemplificar algumas, serão mais vincadas nos habitantes urbanos do que nos habitantes rurais. A partir disto, podemos afirmar que estas diferenças levam a uma separação dos indivíduos segundo vários fatores como a cor, o *status* económico, gostos, entre outros; outro fator de relevância é o enfraquecimento dos laços familiares e de parentesco, facto usual nos meios urbanos, e que rompe completamente com os laços sociais que se verificavam nas zonas rurais, como aldeias ou pequenas cidades, que se baseavam essencialmente no conhecimento pessoal. Outro fator característico, tendo já sido referido tanto por Aristóteles, como por Max Weber, é que a partir de um certo número de habitantes o conhecimento mútuo entre os indivíduos será nulo, o que levará à segmentação de papéis entre os homens, ou seja, apesar de estarmos menos dependentes de certas pessoas, o que facto é que nos tornamos cada vez mais dependentes de um maior número de pessoas para a satisfação das nossas necessidades, quer sejam básicas, como a alimentação, quer sejam mais específicas, como é o caso cultural (Whyte, 2002). Isto significa a passagem de contactos primários para contactos secundários – sendo esta uma característica substancial da teoria de Wirth – que apesar de serem cara a cara, são impessoais, transitórios, o que leva os indivíduos a adotar uma atitude *blasé*, que é um claro influxo de Georg Simmel: “a essência do carácter *blasé* é o embotamento perante as diferenças das coisas, não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos estúpidos, mas de um modo tal que o significado e o valor das diferenças das coisas e, assim, das próprias coisas são apreendidos como nulos.” (Simmel, 2009, p. 43).

### Regressemos a King Manaba

O primeiro contacto entre os autores deste livro deu-se 15 anos antes da sua publicação, no primeiro domingo de junho de 2005, por intermédio de um contacto feito pela diretora da organização *Casal de Jòvenes e Transformadors* de Barcelona. Carles Feixa, nessa época, só conhecia o *gang* através da imagem fornecida pelos média. Os *Latin Kings*, aos olhos dos média, eram frequentemente associados à morte trágica de um jovem colombiano chamado Ronny Tapias. O grupo foi condenado pelos média nacionais e alvo de estigma e ações persecutórias. O contacto com o grupo foi possível depois de Carles se ter tornado responsável por uma investigação académica incidente nos jovens de origem latino-americana em Barcelona – a partir do evento envolvendo a morte do colombiano –, tendo como objetivo investigar o que havia de mito e de real no caso e abordando os *gangs* latino-americanos como um todo.

A investigação de Carles Feixa foi sobretudo, um intenso trabalho de mediação educativa, societal, mediática e policial (Feixa & Pais, 2020). No primeiro encontro, Carles explicou a King Manaba – que se fazia acompanhar de mais dois colegas – os objetivos do estudo a ser desenvolvido, assim como as possibilidades de estabelecer contactos com as autoridades. Ficou combinado para um momento posterior uma conversa. Numa demonstração de abertura e de confiança, Carles Feixa fez-se acompanhar de sua filha. A confiança do grupo em Carles não foi imediata. Os *Latin Kings* suspeitavam que o investigador poderia estar ligado à polícia ou ser um jornalista. Neste primeiro encontro, Carles confirmou que não se tratavam de criminosos, ao contrário do que era representado pelos média. Eram, outrossim, um grupo de jovens de rua de perfil transnacional – idênticos aos que Feixa havia estudado nos anos 1980. Não obstante, desde esse primeiro momento, apareceram com uma “organização e uma elaboração simbólicas muito mais sofisticadas do que as dos *gangs* que havia estudado até então” (Feixa & Andrade, 2020, pp. 12–13).

“O ano que se seguiu a esse encontro foi frenético. Terminámos a nossa investigação e fizemos a sua apresentação no *Centro de Cultura Contemporânea* de Barcelona em novembro de 2005, num congresso no qual, para além dos duzentos académicos e profissionais, participaram uma centena de *Latin Kings & Queens*, além de membros do suposto *gang* rival: *los Ñetas* (o livro resultante do estudo apareceu no ano seguinte e teve um grande impacto, embora ainda não se concentrasse no estudo de *gangs*, mas sim no processo de migração e de receção de jovens latinos em Barcelona; ver Feixa et al., 2006).” (Feixa & Andrade, 2020, p. 13, tradução nossa).

Logo em seguida, Carles Feixa iniciou um projeto de investigação sobre organizações juvenis de rua. Paralelamente, iniciou-se o processo de legalização dos *Latin Kings* com o apoio de entidades como a *Fedelatina*

e o *Instituto Catalán de Derechos Humanos*, culminando, em agosto de 2006, com a formação da *Organización Cultural de Reyes y Reinas Latinos*<sup>5</sup> da Catalunha. Em 2011, a situação dos *gangs* não tinha mudado e o novo conselheiro interno do governo catalão, Ramon Espadaler, comunicou um período de governação com “punho de ferro”, significando isto uma transformação social e institucional, em que passou a ser idolatrada uma perspetiva que priorizava a intervenção policial. Iniciou-se, assim, um período em que todos os membros de *gangs* eram representados novamente como delinquentes. Concomitantemente, vivenciava-se uma profunda crise económica e financeira. Tudo isto afetou o projeto iniciado por Carles Feixa. Esta situação só seria invertida com o projeto TRANSGANG<sup>6</sup>, liderado por Carles e iniciado em janeiro de 2018<sup>7</sup>.

**Figura 2. Carles Feixa e King Manaba em 2020**



Fonte: <https://carlesfeixa.com/es>

<sup>5</sup> Mais informações em: <https://americat.barcelona/es/la-organizacion-cultural-de-reyes-y-reinas-latinos-de-catalunya-se-presenta-publicamente>

<sup>6</sup> TRANSGANG tem como princípio o estudo de *gangs* transnacionais como agentes de mediação. Visa responder à persistência de grupos de jovens de rua (os chamados *gangs*) serem vistos como 'problemáticos'. Em particular, estão interessados em estudar o processo de transnacionalização destes grupos a partir de duas direções: "de cima" (imaginários, símbolos, políticas criminais e policiais para lidar com eles) e "de baixo" (comunidades de ajuda mútua imaginadas e praticadas, através de processos migratórios e interações virtuais). O foco central do projeto é a mediação, entendida como o conjunto de técnicas e procedimentos para a resolução de conflitos dentro do grupo, entre grupos, ou entre os grupos e o ambiente social. A maioria dos estudos e políticas de investigação que lidam com *gangs* baseiam-se na ideia de que a solução é a supressão do grupo. A perspetiva deste projeto é diferente: estudos realizados há mais de um século mostram que os *gangs* não desaparecem, mas antes se transformam para continuar a responder a necessidades não satisfeitas. Portanto, compreendem que o caminho a seguir significa envolver os próprios membros dos *gangs* na procura de alternativas à violência, com base numa política de redução de danos e na promoção de experiências de mediação. Os jovens que pertenceram ou pertencem a grupos de jovens de rua estão atualmente a colaborar com o projeto. As suas histórias são exemplos de resistência e resiliência, dois tipos de experiências que estamos a estudar: como sobreviver em condições de exclusão social e como reagir à adversidade com a ajuda do grupo. Mais detalhes: <https://www.upf.edu/web/transgang/project>.

<sup>7</sup> Suportado pelo European Research Council, o TRANSGANG envolve mais de trinta investigadores focalizados no estudo dos *gangs* em doze cidades, divididas entre o Sul da Europa, o Norte da África, a América do Norte e a América Latina. Nestas cidades incluiu-se Chicago - o ponto de origem dos *Latin Kings*. Mais detalhes: <https://www.upf.edu/web/transgang/researchers>

**Figura 3. Carles Feixa e King Manaba em 2020**

Fonte: <https://carlesfeixa.com/es>

Pululam várias versões de como surgem os *Latin Kings* em Chicago, variando as épocas e as circunstâncias. A versão utilizada pelos autores é a de que os *Latin Kings* surgiram como um *gang* de rua no bairro latino em Chicago e se formaram oficialmente na prisão. Posteriormente, ampliaram-se nos anos de 1970 pelos Estados Unidos, mormente na costa leste devido à presença da comunidade imigrante porto-riquenha e caribenha. Refletindo acerca da ligação dos *Latin Kings* a Chicago, é inevitável estabelecer uma analogia com os trabalhos de Thrasher (2013), pois define os *gangs* como sendo o fruto de uma organização espontânea: como uma forma de sociabilidade e cujas semelhanças se podem verificar nos *Latin Kings*, dada a necessidade de integração social e de criação de relações interpessoais num contexto geográfico e social desconhecido, uma vez que se tratava sobretudo de imigrantes. Apesar deste livro nos levar para uma perspetiva mais intimista sobre os processos de integração no *gang*, sobre as vivências e sobre as histórias de vida, ele também nos desperta a curiosidade para saber mais sobre os *gangs* e sobre as suas diversas manifestações sociais, ou seja, entender os seus quotidianos e até mesmo as suas produções artísticas (Bennett & Guerra, 2018; Feixa & Guerra, 2017).

**Figura 4. King Manaba em 2020**

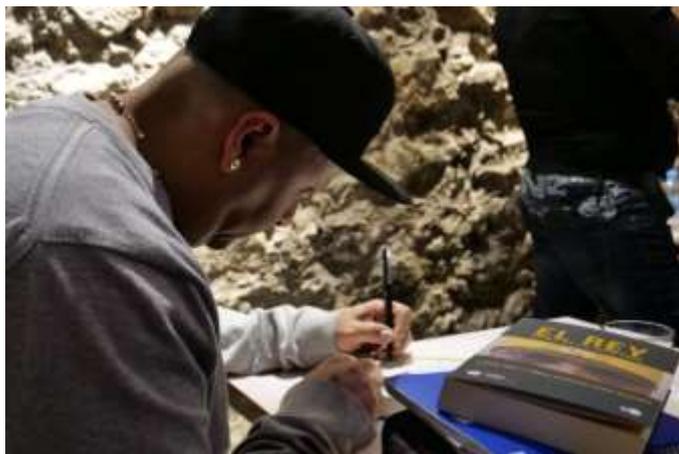
Fonte: [https://www.elnacional.cat/es/cultura/rey-diario-latin-king-manaba-carles-feixa\\_472053\\_102.html](https://www.elnacional.cat/es/cultura/rey-diario-latin-king-manaba-carles-feixa_472053_102.html)

Alguns anos antes, em 1994, um membro equatoriano de Nova Iorque, nomeado King Boy Gean, foi expatriado para o seu país de origem, onde fundou a Nação pelo nome de *Sagrada Tribu Atahualpa Ecuador*, principiando o processo de transnacionalização. No ano de 2000, outro *Latin King* do Equador, King Wolverine, emigrou para Espanha, fundando, de forma independente, a *Sagrada Tribu América Spain*. Em 2006 forma-se a facção catalã – *Organización Cultural de Reyes y Reinas Latinos de Cataluña*, com apoio do governo catalão. Seguindo a via catalã, em 2007, o governo equatoriano legalizou os *Latin Kings* como *Corporación de Reyes y Reinas Latinos de Ecuador* num processo de mediação que reduziu significativamente a criminalidade (Brotherton & Gude, 2018). Esta visão dos processos e etapas que os *Latin Kings* enquanto instituição atravessaram, levam-nos para uma abordagem reflexiva e analítica que procura ir além do que é visível ou retratado pelos média acerca dos *gangs*, demonstrando que também eles são afetados pelos processos de hibridização pós-estruturalistas, uma vez que os *gangs* também vivem divididos entre o local e o global, entre o hegemónico e o transgressivo, entre os centros e as periferias urbanas (Feixa & Nilan, 2009). Tais questões estão plasmadas neste livro, pois, na contemporaneidade, os *Latin Kings* estão na maior parte dos países latino-americanos, além dos europeus e asiáticos.

As buscas por “*Latin Kings*” na Internet originam milhares de resultados, sendo que a maioria notícias os vinculam ao crime organizado. Uma realidade que contrasta com as investigações académicas sobre ela produzidas, que possuem nos exemplos de Conquergood (1994) e Brotherton & Barrios (2003) outras formas de perceber esse fenómeno, bem como as suas formas de comunicação verbal e não verbal. O presente livro almeja preencher esse vazio enviesado. Nele, a trajetória dos *Latin Kings surge focada* na vida de César Andrade, que nasceu duas vezes: a primeira em Manabí, no interior do Equador, em 1976; e a segunda em Santo Domingo, também no Equador, em 1996 e com 20 anos de idade. Foi nessa altura coroado como *Latin King*, recebendo o nome de King Manaba. Decidiu emigrar para expandir a Nação, chegando a Madrid em 2003 e a Barcelona em 2005. O processo de legalização da organização foi vivido intensamente, atrelado a dificuldades pessoais, como o divórcio de sua antiga parceira, a divisão do grupo em várias facções, e a vivência do desemprego e da prisão. Deixemos com Carles Feixa – no Prólogo – a descrição desta vida:

“No caso da história do King Manaba, trata-se de ler a sociedade contemporânea (...) por meio da biografia de um jovem integrante de um *gang*, iniciado como Rei Primitivo numa cidade costeira do Equador, que emigrou para Madrid e Barcelona, onde alcançou a categoria de inca, e que depois de passar pela prisão como um Rei Conservador, renasceu mais tarde como um Novo Rei (tornando-se algo republicano nos últimos anos, devido à convivência com outro «*gang*», o dos investigadores do projeto TRANSGANG). Por outro lado, a história do King Manaba pode ser lida como a síntese vertical de uma história social: a do êxodo latino-americano para a Europa (crise no Equador e no dólar, emigração para Espanha, chegada em tempos de vacas gordas, crise na Espanha, retorno voluntário *versus* permanência, clandestinidade *versus* regularização, etc.). Por outro lado, também pode ser lida como a síntese horizontal de uma estrutura social: aquela que origina, mantém e persegue os *gangs* como grupos juvenis de rua (origem no gueto norte-americano, refundando na América Latina como efeito da política de deportação, transnacionalização para a Europa, segregação social da imigração, «tolerância zero» *versus* políticas «inclusivas», influência das representações dos média, discursos xenófobos, expansão do estado penal neoliberal, etc.). Mas longe de ser um fantoche preso entre as duas coordenadas (horizontal e vertical), o King Manaba surge como um ator consciente e reflexivo, capaz de enfrentar seu destino e assumir o controle de sua vida. (...) Embora a narrativa autobiográfica possa ser lida como uma “obra aberta” sujeita a diferentes leituras, de modo que o leitor se torna um (co) autor e a interpretação é polissêmica e polifônica (...), a nossa chave principal de leitura inspira-se na «imaginação dialógica» proposta por Mikhail Bakhtin (1981), mais especificamente no conceito de cronotopo, que em outro lugar procuramos aplicar ao estudo das culturas juvenis (Feixa, Leccardi & Nilan, 2016). (...) Bakhtin mostrou que a compreensão do espaço e do tempo num romance (o mesmo pode ser aplicado à autobiografia) depende da capacidade hétero-glóssica (ou seja, da capacidade de ecoar outras vozes, de interpretá-la não apenas dependendo do texto, mas também no contexto). Essa capacidade surge de um duplo diálogo: do «dialogismo interno» fruto da interação do sujeito com sua própria memória; e do «dialogismo externo» resultante da interação com o meio social representado pelo público (ou pelo investigador que pergunta, transcreve e interpreta o que é falado).” (Feixa & Andrade, 2020, pp. 32–33, tradução nossa).

**Figura 5. King Manaba na apresentação de *El rey. Diario de un Latin King* em março de 2020**



Fonte: [https://www.elnacional.cat/es/cultura/rey-diario-latin-king-manaba-carles-feixa\\_472053\\_102.html](https://www.elnacional.cat/es/cultura/rey-diario-latin-king-manaba-carles-feixa_472053_102.html)

### Atos para se ser um Rei

O livro inicia-se com o “Prólogo: King Manaba visto por Carles Feixa” e termina com o “Epílogo: King Manaba visto por César Andrade”, sendo ainda complementado por um glossário e uma cronologia. O miolo do livro organiza-se em três partes, onde se distribuem 12 conversas e três folhas (de imagens, das cartas da prisão e de recortes de imprensa). A proposta metodológica foi inspirada na ideia de imaginação dialógica de Bakhtin (1981), não sendo “um monólogo do entrevistado nem uma reelaboração literária do entrevistador, mas o diálogo entre ambos, em que a autoria e os possíveis benefícios ou prejuízos que derivem dela também são compartilhados” (Feixa & Andrade, 2020, p. 26). Deste modo, o livro é dividido em três partes, que expressam as cores e estados que perpassam a coroação de um indivíduo como sendo um *Latin King*, e além disso o livro também segue um imperativo cronológico das entrevistas – emergindo, assim, passagens biográficas repetidas em determinadas entrevistas, fotografias, cartas e recortes de jornais (Feixa, 1998, 2006, 2018; Feixa et al., 2011).

### Figuras 6a e 6b. Latin Kings e suas simbologias



Fonte: <https://www.facebook.com/LATIN-KINGS->

Fonte: <https://www.elnacional.cat/es/cultura/transgang-bandas-juveniles>

A primeira parte da obra apresenta-nos o “Rey primitivo (1996-2005)”. Nesta, César descreve a sua vida no Equador. Embora tenha nascido em Portoviejo, Manabí, a sua família estabeleceu-se em Santo Domingo, localidade na qual viveu durante a adolescência e onde entrou em contacto com os *Latin Kings*. Logo desde a sua coroação, King Manaba foi sempre ocupando cargos de responsabilidade na Nação, até ser forçado a emigrar para

Madrid devido à perseguição policial e à ajuda e encorajamento da sua mãe e irmã. Foi, no entanto, forçado transitoriamente a deixar no Equador a sua companheira, King Melody, a sua enteada e o seu filho. Não obstante alguma tensão com outros *Latin Kings*, nomeadamente da rival e independente STAS (*Sagrada Tribu América Spain*, fundada por King Wolverine em Madrid no ano 2000), King Manaba consegue alargar a sua Nação a cidades como Saragoça, Valladolid e Barcelona, atingindo o desejado reconhecimento como líder da sua tribo em Espanha. Conjuntamente, a sua mensagem espalhava-se por mais cidades do Sul de Espanha. Uma vez concluída a primeira fase da missão de King Manaba, chegava a altura de passar a uma fase de consolidação da Nação King e de César ascender ao patamar de Rei conservador.

A segunda parte do livro tem por título “Rey conservador (2005-2009)”. Expõe uma fase de desenvolvimento, associada à cor castanha, em que King Manaba se foca - quase exclusivamente na disseminação da Nação, num frenesim de atividades que inclui instituir contactos, mediar interações com as autoridades civis, religiosas e policiais e estimular projetos artísticos. Não obstante, a opinião pública e política acerca da existência e atividade da Nação vai-se degenerando ao longo dos anos, tornando a relação de King Manaba com Carles Feixa num dos poucos trunfos restantes da Nação face à hostilidade generalizada. É similarmente durante este período que o Supremo Tribunal espanhol emite uma deliberação que marca a STAS como ilegal pelo crime de associação ilícita. Esta decisão anunciava o *purgatório* (2009-2014) vivido por César e que começou com a sua detenção em 2009, quando se deslocava às Ilhas Canárias para tomar parte num negócio ilegal. Seguem-se anos de procedimentos legais, entre julgamentos, prisão e liberdade condicional, que se afiguram como um purgatório em vida. Já em liberdade, ainda que condicional, King Manaba decide mudar o rumo da sua vida e da Nação ao assumir um papel de menor protagonismo, nunca esquecendo, no entanto, o seu estatuto como parte da Nação.

Na terceira parte emerge um “Novo Rey (2014-2020)” em que King Manaba é absolvido de todas as acusações, no início de 2020, e contactado para passar a fazer parte do Projeto TRANSGANG (Feixa et al., 2019).

Os espaços e tempos da vida do King Manaba podem ser sintetizados em sete cronotopos centrais: a Nação, a nação, a fronteira, a esquina, o dourado, o negro e o castanho. Em primeiro lugar, a Nação (em maiúsculas), é o espaço-tempo da *Todopoderosa Nación de Reyes y Reinas Latinos* - com os seus mitos de origem, os seus ritos de passagem, os três estados (Rei Primitivo, Rei Conservador, Novo Rei), as suas quatro fases (Observação, Cinco vivos, Provação e Coroação), os cinco pontos (Amor, Honra, Obediência, Sacrifício, Retidão), a organização formal em capítulos, setores e tribos, a organização informal em fações, clãs e gerações, o seu calendário anual de encontros locais e universais, e seu culminar em 360 (o círculo hermenêutico e social da comunidade imaginada, que alguns interpretam como o círculo da dor onde os neófitos devem suportar os golpes dos iniciados). Em segundo lugar, a nação (em minúsculas) é o espaço-tempo transnacional que conecta a identidade de origem (Equador) e a identidade de destino, por sua vez binacional (Espanha-Catalunha), o que se expressa no conceito de “Nação das nações”, uma constante nesta história. Em terceiro lugar, a fronteira refere-se às barreiras físicas, legais e simbólicas que separam os continentes, os países, os bairros e *gangs* rivais, bem como as instâncias (políticas, policiais, mediáticas) que edificam muros e fundamentam a exclusão. Em quarto lugar, a *esquina* refere-se às conexões e às alianças que permitem cruzar ou atenuar essas fronteiras, bem como aos locais de abrigo (parques, casas juvenis, paróquias, discotecas, etc.) onde se tecem laços fraternais e de afeição. Em quinto lugar, o dourado refere-se tanto à primeira fase da vida do protagonista (a do Rei primitivo) quanto aos momentos luminosos e os criativos vividos dentro e fora da Nação. Em sexto lugar, o negro alude tanto à segunda fase da vida do protagonista (a do Rei conservador) quanto aos momentos sombrios e depressivos na prisão e/ou em espaços de isolamento e de fracasso. Por fim, em sétimo lugar, o castanho refere-se tanto à terceira fase da biografia do protagonista (a do Novo Rei), como às experiências de hibridização e de mediação cultural nas quais tem participado - desde o seu compromisso com o processo de constituição de associação à sua interação com os investigadores do projeto TRANSGANG, passando pela sua tarefa de “pacificador” entre diferentes fações do grupo e entre grupos rivais. A força castanha é a *poção mágica* que lhe permite renascer como um Rei republicano, de acordo com a clássica metáfora da Fénix renascida. (Feixa & Andrade, 2020, pp. 33–34, tradução nossa).

A história de vida de Manaba patenteia uma hipótese de dar voz às culturas dominadas e invisibilizadas. A prisão, como exemplo, foi um lugar em que a reflexão sobre o próprio passado e sua identidade surgem “espontaneamente e se comunicam em direção ao exterior através de diferentes formas de escrita (carta, memória, *graffiti*, tatuagem)” (Feixa & Andrade, 2020, p. 35). Os *Latin Kings* enquanto subcultura atuam como um reflexo de uma estrutura

social desigual em termos de recursos, porém, também se assumem como “uma grande força progressiva, como experiência de apoio mútuo e resistência, como canal para expressar a voz dos oprimidos” (Feixa & Andrade, 2020, p. 36). E isto claramente lembra-nos Hebdige (Guerra *et al.*, 2020; Hebdige *et al.*, 2020):

“Os indivíduos apenas realizam as suas relações e os seus processos sociais através das formas em que estes lhes são representados. Essas formas (...) estão envoltas num «senso comum» que simultaneamente as valida e as mistifica. São precisamente esses «objetos culturais percebidos-aceites-sofridos» que a semiótica pretende «interrogar» e decifrar. Todos os aspetos da cultura possuem um valor semiótico, e os fenómenos que surgem como factos estabelecidos podem funcionar como sinais: elementos em sistemas de comunicação governados por regras e códigos de semântica que não são diretamente apreendidos pela experiência” (Hebdige, 2018, p. 31).

Este livro existe para desconstruir e denunciar o desconhecimento que circunda acerca do movimento da Nação King. Para King Manaba, a dimensão comunitária e de pertença face à Nação é um aspeto chave da existência contínua do movimento. O relato apresentado neste livro sobre a Nação King, através da experiência na primeira pessoa de King Manaba, contraria uma interpretação simplista das sub- ou contraculturas. Com efeito, a densidade das relações sociais inter e intra-grupo, bem como o contexto social mais alargado em que este movimento se integra combina com um cariz ideológico de defesa de um determinado conjunto de valores, uma forte marca religiosa e um cariz cultural, direcionados para e, em muitos casos, produzidos por jovens. O apelo desta natureza multidimensional é ilustrado pelo alcance transnacional da mensagem da Nação. No fundo, o propósito da Nação King está no obsequiar um espaço de identidade e de liberdade de ser, de viver e de imaginar (Feixa & Figueras, 2018; Guerra *et al.*, 2020; Guerra, 2018; Guerra, 2020; Guerra, 2021).

**Figura 7a e 7b. Ilustrações do TRANSGANG**



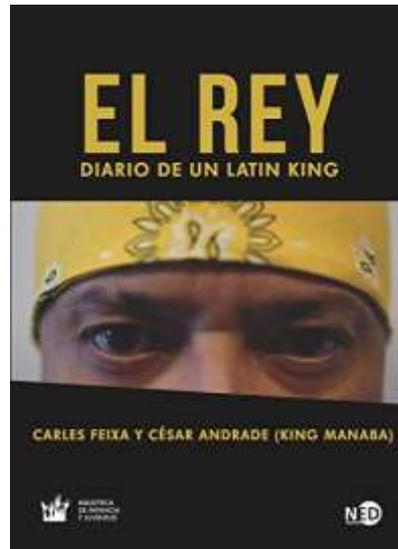
Fonte: <https://www.upf.edu/web/transgang>

### **Um fim que é um (re)nascido**

Detenhamo-nos no “Epílogo: King Manaba visto por César Andrade”. Resulta de uma reflexão de César Andrade, ao ler e corrigir a sua biografia. É um “esforço de introspeção e autoanálise, mas também de um olhar ao entorno social. Serve para fazer um balanço de sua vida e da vida de sua Nação” (Feixa & Andrade, 2020, p. 435). Ao dialogar sobre o seu próprio percurso, César observa como King Manaba está no processo das três etapas de um Rei, e percebe o seu amadurecimento nesse desenvolvimento, porque “já não quer problemas nas ruas, já não quer problemas de tipo algum, está focado apenas nos seus familiares e amigos próximos, no seu trabalho, seus estudos” (Feixa & Andrade 2020, p. 437). Assume que todo o Rei ou Rainha Latino deve ajudar os jovens, preparando-os e educando-os, aliando os valores da Nação aos familiares, devendo ser um Rei ou Rainha para o bem de sua comunidade. O processo de recordar foi comovente para César, pois a partir do ato de reler as versões do livro ia rememorando os vários momentos vividos em todo esse tempo. Atesta que no decorrer de todo o percurso nunca deixou de ser um Latin King:

“A rua faz-te sentir inteligente também, as experiências que tu vives na rua e aqui também, em Barcelona, bem como a rota que fiz por quase toda a Espanha visitando os diferentes grupos de irmãos e amigos que eu tenho, são coisas que no final te fazem amadurecer e te fazem ser um pouco mais cauteloso e um pouco mais inteligente nesta vida” (Feixa & Andrade, 2020, p. 439, tradução nossa).

**Figura 8. Capa do livro *El rey. Diario de un Latin King***



Fonte: <https://carlesfeixa.com/es>

A lembrança do passado envolveu tanto as suas lembranças de infância na terra natal com a sua família, como as suas experiências na Catalunha na fase da formação legal da Nação, que define como sendo uma experiência bonita. Sobre o que gostaria de olvidar, o episódio remete para a sua experiência na prisão:

“Porque não é esse exemplo que eu gostaria de dar ao meu filho, muito menos aos jovens, nem aos membros da minha organização, embora quando tiver a oportunidade e um dia eu vou sentar-me e conversar com o meu filho e contar-lhe tudo, eu não tenho que esconder nada dele, ele deveria saber que quando tu cometes erros, aprendes com eles, mas que ele está a tempo de não cometer tais erros e que é uma experiência da minha vida.” (Feixa & Andrade, 2020, p. 441, tradução nossa).

A sua prisão não se deveu ao facto de ser um membro dos *Latin Kings*. Contudo, foi incluído num ficheiro que o levou a ser encarcerado numa ala com presos mais perigosos, não podendo ir ao pátio, realizar atividades com os presos normais, passando quase todo o tempo na cela.

“Em muitos casos, senti-me oprimido apenas pelo simples facto de fazer parte de uma organização de rua, mas com isso não quero dizer que todos os presos fossem tratados assim; a maioria foi tratada como normal, eu fui tratado de forma diferente por ser ou ter sido líder de um grupo juvenil criminoso” (Feixa & Andrade, 2020, p. 443, tradução nossa).

É ainda realçado por César que almeja um futuro mais otimista para os jovens, principalmente, permitindo que se preparem, estudem e “sejam alguém”. Gostaria de passar mais tempo com o filho e de recuperar o tempo com ele, além de ajudar os “irmãozinhos”<sup>8</sup>, como faz há muitos anos. Também tem estudado sobre som, já que é uma de suas paixões, juntando isso a outros projetos:

<sup>8</sup> *Irmãozinhos* é uma referência a outros membros dos Latin Kings.

“Um dos meus objetivos e propósitos é montar o meu estúdio caseiro de gravação de música para dar oportunidade a muitos jovens que por vezes não têm o apoio necessário e, embora sejam talentosos, não têm recursos financeiros para o poderem gerir suas demos ou suas produções musicais” (Feixa & Andrade, 2020, p. 447, tradução nossa).

César sempre teve um desejo de manifestar as suas vivências das ruas e os seus sentimentos. Por essa vontade ser tão forte e marcante, aceitou participar no projeto TRANSGANG, pois assim entenderia melhor o trabalho de um investigador e desenvolver-se-ia enquanto indivíduo, quase que voltando à primeira fase de um Rei, em que a busca pelo conhecimento é notória.

“Há algum tempo, quando o Carles me pediu para fazer parte da equipa e fazer parte do projeto TRANSGANG, não hesitei por um segundo. Em primeiro lugar, porque sei que isso me ajudaria a compreender o trabalho que implica ser investigador, e também porque tinha a certeza de que aprenderia muito do ponto de vista pessoal. Eu não tinha ideia no começo, mas tinha certeza que iria aprender, e muitas vezes o Carles, que é o PI (investigador responsável) do projeto, disse-se que eu tinha de comparecer às reuniões, mas no começo (...) achei que estava a perder o meu tempo aqui, porque não sabia do que eles estavam a falar [risos] mas aos poucos fui me integrando” (Feixa & Andrade, 2020, p. 447, tradução nossa).

“E não é que eu tenha aprendido tudo, mas estou envolvido no projeto e agora sei do que se trata. Além disso, tudo isto tem a ver com grupos e movimentos juvenis transnacionais. Havia muitas coisas que eu não sabia, mas aos poucos fui aprendendo e conhecendo um pouco mais sobre os investigadores. Os meus colegas também me ajudaram e continuam a ajudar-me em todas as dúvidas ou coisas que não conheço: Carles, Jose, Edu, María José – que não está connosco agora, mas esteve sempre; María, Ana, Nele, Adam, Lara – esta embora não faça parte da equipa, ela me ajudou em muitas coisas sobre o projeto. Todos eles me fizeram sentir parte da equipa. Sinto-me empenhado em ajudar, em fazer contactos com irmãos mais novos de Nova Iorque, de Chicago, de outros países, porque graças à Nação conheço muitas pessoas que fazem parte do meu grupo e tenho muitas relações pessoais. Eu já me sentia parte dessa equipa muito antes de chegar aqui, porque o Carles já me tinha falado deste projeto e, portanto, já me sentia parte desta equipa, e para mim trabalhar com o Carles é uma honra”. (Feixa & Andrade, 2020, p. 448, tradução nossa).

**Figura 9. Carles Feixa e King Manaba moderados por Paula Guerra na ICCA Conference, janeiro 2021**



Fonte: <https://carlesfeixa.com/es>

### Um cronos<sup>9</sup> com paragens

Data	Local	Latin Kings	King Manaba	Idade
1962-1963	Chicago	Fundação da Organização <i>Latin Kings</i>		
1970s	Chicago	Manifesto e constituição da ALKN ( <i>Almighty Latin King Nation</i> )		
27-02-1976	Portoviejo – Manabí, Equador		Nascimento de César Andrade Arteaga	
1986	Nova York	Implantação da ALKM em Nova York por King Blood na prisão Collins Correctional		
1993	Nova York	King Blood reconhece Queen Zulma como líder das Latin Queens. Adição da letra Q à sigla, passando a ALKQN		
1994-07-06	Guayaquil, Equador	Fundação STAE Equador - King Boy Gean		
1995-04-21	Nova York	King Tone é nomeado inca da ALKQN		
1996-04-21	Santo Domingo, Equador		Batismo como King Manaba na Nação	20
1997-04-20	Guayaquil, Equador	Separação da facção de King Boy Gean (Nova York)		
1998-08-28	Quito, Equador	King Majesty (da facção de King Lucky) sobe ao poder na STAE		
1998	Nova York	Operação Corona (NY Police Department) Detenção de King Tone		
2000-02-14	Madrid	Fundação da STAS por King Wolverine		
2003-02-13	Madrid		Emigra para Madrid	27
2003-05-03	Madrid	Operação Check Mate (detenção de King Wolverine)		
2003-10-28	Barcelona	Homicídio de Ronny Tapias (Ñetas vs. <i>Latin Kings</i> )		
2005	Barcelona		Emigra para Barcelona	29
2005-06	Barcelona	Julgamento do caso Ronny Tapias		
2005-06	Barcelona	Ação policial em Casal de Joves de Transformadors	Primeiro contacto entre King Manaba e Carles Feixa	
2005-11-20	Barcelona	Universal no Casal de Joves de Transformadors	Organização do Universal e convite a investigadores e a Ayto.	
2005-11-22/24	Barcelona	Jornadas Jovens Latinos em Barcelona, CCCB- Ayto	Participação	
2006-02-21	Galapagar, Madrid	Operação Pañuelo contra a STAS		
2006-06	Barcelona	Constituição da Organización Cultural de Reyes y Reinas Latinos de Cataluña	Participação	
2006-2008	Barcelona	Projeto Fedelatina	Participação	
2007	Barcelona	Constituição da Associação Sociocultural, Musical e Desportiva Ñetas		
2007-05	Madrid	Primeiro veredicto contra a STAS por associação ilícita		
2007-8-22	Equador	Constituição da Corporação de Reyes e Reinas Latinos do Equador	Contactos /conflitos com líderes do Equador	
2007-2008	Barcelona	Projeto Unidos por el Flow	Participação	
2008-06-11	Barcelona	Audiência na Comissão de Juventude do Parlamento da Catalunha	Participação	
2008-2009	Barcelona	Projeto Fotografia MACBA	Participação	

Fonte: Feixa & Andrade, 2020, pp. 469–472; Molina, 2020, pp. 280–282.

<sup>9</sup> Esta cronologia aparece no livro aqui objeto de recensão: Feixa & Andrade, 2020, pp. 469–472. E ainda em Molina, 2020, pp. 280–282. Trata-se da reprodução em língua portuguesa dessa mesma trajetória.

## Bibliografía

- Bakhtin, M. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.
- Bennett, A. y P. Guerra (Eds.) (2018). *DIY cultures and underground music scenes*. Oxford: Routledge.
- Brotherton, D. C. & Gude, R. (2018). *Inclusión social desde abajo. Las pandillas callejeras y sus posibles efectos en la reducción de la tasa de homicidios en el Ecuador*. Washington: BID.
- Brotherton, D. C.; Barrios, L. (2003/2016). *The Almighty Latin King and Queen Nation. Street politics and the transformation of a New York City gang*. New York: Columbia University Press.
- Conquergood, D. (1994). How street gangs problematize patriotism. In H. W. Simons, & C. Feixa (2018). *La imaginación autobiográfica*, Gedisa: Barcelona.
- Feixa, C. (1998). *El reloj de arena: culturas juveniles en México*. México: Ciejuv.
- Feixa, C. (1999). *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel.
- Feixa, C. (2006). La imaginación autobiográfica, *Perifèria, Revista de investigació i formació en Antropologia*, 5(2). <https://doi.org/10.5565/rev/periferia.159>
- Feixa, C. (2018). *La imaginación autobiográfica: las historias de vida como herramienta de investigación*. Barcelona: Gedisa.
- Feixa Pàmols, C. & Nilan, P. (2009). Una juventud global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Política & Trabalho*, 31, 13–28.
- Feixa, C. & Andrade, C. (2020). *El Rey: Diario de un Latin King*. Madrid: Ned Ediciones.
- Feixa, C. & Figueras, M. (2018). Emergence of (hybrid) youth cultures, *Communication Theory*, 28(2), 224–228.
- Feixa, C. & Guerra, P. (2017). ‘Unidos por el mismo sueño en una canción’: On music, gangs and flows, *Portuguese Journal of Social Science*, 16(3), 305–322.
- Feixa, C. & Oliart, P (2012). Youth studies in Latin America. Changes, exchanges, challenges, *YOUNG*, 20(4), 327–8.
- Feixa, C. & Pais, J.M. (2020). “Perseguido os ventos do tempo”: Jovens, passados compostos e futuros possíveis, *Revista Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 3(1), 10–22.
- Feixa, C. (Dir.), Porzio, L., Recio, C. (Coords.). (2006). *Jóvenes latinos en Barcelona. Espacio público y cultura urbana*. Barcelona: Anthropos-Ajuntament de Barcelona.
- Feixa, C. (Dir.), Sánchez García, J. (Coord.), Ballesté, E., Cano-Hila, A. B., Masanet, M.-J., Mecca, M., Oliver, M. (2019). *The (Trans) Gang: Notes and queries on youth street group research*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra y European Research Council.
- Feixa, C., Leccardi, C., Nilan, P. (Eds.)(2016). *Youth, Space & Time. Agoras and chronotopes in the global city*. Leiden, Boston: Brill.
- Feixa, C., Scandroglio, B., López, J. & Ferrándiz, F. (2011). Organización cultural o asociación ilícita? Reyes y reinas latinos entre Madrid y Barcelona», *Papers: Revista de Sociología*, 96(1), 145–163.
- Feixa, C. & Andrade, C. (2020). *El Rey: Diario de un Latin King*, Madrid: Ned Ediciones.
- Guerra, P. (2021). So close yet so far: DIY cultures in Portugal and Brazil, *Cultural Trends*, 30(2), 122–138.
- Guerra, P. (2020). Under-Connected: Youth subcultures, resistance and sociability in the Internet age. In K. Gildart, A. Gough-Yates, S. Lincoln, B. Osgerby, L. Robinson, J. Street, P. Webb, & M. Worley (Eds.) *Hebdige and subculture in the twenty-first century. Through the subcultural lens* (pp. 207–230). London: Palgrave Macmillan, Cham.

- Guerra, P. (2018). Vozes da raiva, punk e subculturas: um roteiro pelas culturas juvenis no Portugal contemporâneo. In C. Pereira, & J. Beza (Orgs.) *A cultura material nas (sub)culturas juvenis: do DIY às trocas digitais* (pp. 25–46), São Paulo: Editora PUC e Editora Mauad.
- Guerra, P. & Quintela, P. (Eds.) (2020). *Punk, fanzines and DIY cultures in a global world. Fast, Furious and Xerox*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Guerra, P., Feixa Pàmpol, C., Blackman, S., & Ostegaard, J. (2020). Introduction: Songs that Sing the Crisis: Music, Words, Youth Narratives and Identities in Late Modernity, *YOUNG: Nordic Journal of Youth Research*, 28(1), 5–14.
- Guerra, P., Hebdige, D., Bennett, A., Feixa-Pàmpol, C. & Quintela, P. (2020). Collective Interview with Dick Hebdige After 35 Years of Subculture: The Meaning of Style. In K. Gildart, A. Gough-Yates, S. Lincoln, B. Osgerby, L. Robinson, J. Street, P. Webb, & M. Worley (Eds.) *Hebdige and subculture in the twenty-first century. Through the subcultural lens* (pp. 253–266), London: Palgrave Macmillan, Cham.
- Hebdige, D. (2018). *Subcultura. O significado do estilo*. Lisboa: Maldoror.
- Hebdige, D., Feixa Pàmpol, C., Guerra, P., Bennett, A., & Quintela, P. (2020). Subcultura, arte y poder: revisitando los cultural studies, *ENCRUCIJADAS. Revista Crítica de Ciencias Sociales*, 18, 5–13.
- Molina, J. L. (2020). Reseña de “El Rey: Diario de un Latin King”, de Carles Feixa & César Andrade, *Perifèria, revista de recerca i formació en antropologia*, 25(1), 268–282.
- Muggleton, D. (2000). *Inside subculture: The postmodern meaning of style*. Oxford: Berg.
- Pais, J. M. (2020). *Jóvenes y creatividad: Entre futuros sombríos y tempos de conquista*. Madrid: Ned Editions.
- Simmel, G. (2009). *As grandes cidades e a vida do espírito*. Covilhã: LusoSofia Press.
- Thrasher, F. M. ([1927] 2013). *The Gang. A study of 1313 gangs in Chicago*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Whyte, W. F. (2002). *Street Corner Society. La structure sociale d’un quartier italo-américain*. Paris: La Découverte/Poche.
- Wirth, L. (1997). O urbanismo como modo de vida. In C. Fortuna (Org.), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia* (pp. 45–65), Oeiras: Celta Editora.